

O (A)MAR EM MARGUERITE DURAS: DO “ARREBATAMENTO” AO “AMOR”

ANA PAULA GOMES

O (A)MAR EM MARGUERITE DURAS: DO “ARREBATAMENTO” AO “AMOR”

THE SEA IN MARGUERITE DURAS: FROM “RAPTURE” TO “LOVE”

ANA PAULA GOMES¹

dacostagomesanapaula67@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-4811-8168>

Resumo

O mar de *Julieta* (2016), filme de Pedro Almodóvar, traz nas suas ondas a S.Thala de Marguerite Duras que, mais do que um cenário, é um dos personagens do seu enigmático livro *Amor*, sendo também contexto fundamental de *O Arrebatamento de Lol V. Stein*. A partir desses dois títulos buscamos estabelecer um paralelo entre a obra durassiana e o percurso de uma análise, ambos realizados através da linguagem, que comporta a fala, a escrita e o impossível de dizer.

Palavras-chave: Escrita. Amor. Feminino. Arrebatamento.

Abstract

The sea in “*Julieta*” (2016), a film by Pedro Almodóvar, brings with it Marguerite Duras’ S. Thala, which, more than a setting, is one of the characters in her enigmatic novel “*Love*”, and is also a fundamental context for *The Rapture of Lol V. Stein*. Based on these two titles, we seek to establish a parallel between Duras’ work and the path of an analysis, both carried out through language, which includes speech, writing and the impossible to say.

Keywords: Writing. Love. Feminine. Rapture.

¹ Mestre em Teoria Psicanalítica-Ufrj Professora da Pós-Graduação em Clínica Psicanalítica
 – Unilasalle Integrante do Lituras Clínicas

“Estar sozinha com o livro é
estar ainda no primeiro sono da humanidade”

Marguerite Duras

“No jogo do amor tu te perdes”

Lacan

Estas lituras que chegam agora ao público, quem dera cheguem ao seu destino, demandam um subtítulo: “Uma mulher, Duras, Lacan e Almodóvar”. Foi através desses dois autores que a letra durassiana chegou a mim. Com Lacan, de uma forma mais evidente, em sua “Homenagem à Marguerite Duras pelo *Arrebatamento de Lol V. Stein*”, texto lido e relido algumas vezes, prenhe de enigmas, mas também de enunciações. Com Almodóvar, através de seu filme *Julieta*, quando, numa de suas primeiras passagens, a protagonista que dá o nome a essa produção de 2016, está de mudança para Portugal, e, ao guardar seus livros para viagem, um dos títulos que toma conta da cena é *Amor*, da escritora de língua francesa.

Acompanhando o cineasta espanhol há um bom tempo, sei que ele não dá ponto sem nó, e isso para quem é lacaniano não é qualquer coisa. A arte sobre a arte, ou a cena sobre a cena, comparecem com frequência em sua filmografia, na qual podemos citar, entre outras, a dança de Pina Bausch em *Fale com Ela* (2002); a peça de teatro *Um Bonde chamado Desejo* de Tennessee Williams em *Tudo sobre minha mãe* (1999); o filme *Sonata de Outono* de Bergman em *De Salto Alto* (1991). Esse uso das obras de outros autores serve como um fio condutor em suas películas. Não há como saber exatamente o que levou Almodóvar a inserir em *Julieta* (2016) o referido livro de Duras, mas isso me levou ao *Amor*.

Esse livro de Marguerite de 1971 é um dos mais enigmáticos em sua obra. Duras declara sobre ele: “é preciso escrever muitos livros para chegar a esse ponto” (Duras, 1974, pág. 12). O enredo é enxuto, apesar de tanto mar. Uma mulher, um homem e outro homem, um triângulo que se forma, se deforma e se desfaz. Ele é ambientado em S.Thala: “Aqui é S.Thala até chegar ao rio. Depois do rio é ainda S.Thala” (Duras, 1971, p.17). A mesma S.

Thala de *O Arrebatamento de Lol V. Stein*, mas que, na primeira leitura de *Amor*, associada à citação do filme *Julietta*, não fiz tal correlação. Interpretei, então, que Almodóvar faz a inclusão de *Amor* em seu filme por se tratar de uma narrativa epistolar, ocorrida entre cartas, o que faria de seu longa um trabalho sobre a escrita, pois, além disso, sua protagonista é uma tradutora e professora de mitologia grega, e, em uma de suas cenas, há uma aula sobre a *Odisseia*. Tal referência à obra de Homero remete-nos à origem da escrita, à origem da poesia, ao mais essencial da palavra. O cenário de S. Thala de Duras traz escrito, em sua geografia, o anagrama de *Thalassa*, uma das palavras que, em grego, designam o mar. Esse mar que leva o marido de Julieta à morte e a devasta. Esse mar que invadiu as terras adquiridas pela mãe de Duras para plantação de arroz, contra e levando a família à falência, mas também a uma *Barragem sobre o Pacífico* (1950).

Essa foi a primeira onda que naveguei quando convidada para estar neste encontro intitulado “O mar na obra de Marguerite Duras”. Chegada a esse mar, do qual Marguerite diz nada saber, quis mergulhar mais profundamente em suas letras, e fui rever Almodóvar, quando percebo os triângulos de sua narrativa e a devastação de sua protagonista na morte do marido e no desaparecimento da filha. Lola Valérie Stein retorna, então, ao baile. Qual a relação entre *Amor* e *O Arrebatamento de Lol V. Stein*?

Embarquemos na segunda onda, agora com Lacan, num de seus textos de *Outros Escritos*, em que faz uma homenagem a Duras pelo *Arrebatamento de Lol V. Stein*, texto em que Marguerite revela saber sem ele, aquilo que o psicanalista francês ensina, fazendo convergir a prática da letra com o uso do inconsciente. Clotilde Leguil, no texto intitulado “O enigma de Lol, Lacan sob os passos de Duras” (Leguil, 2020, p. 252) diz que o mestre francês encontra, na escrita de Duras, uma verdadeira amorosa, uma amorosa louca de amor, uma amorosa do século XX, à altura da invenção do amor, à altura de *Tristão e Isolda*, romance fundador do amor no Ocidente. Essa busca iniciou-se desde sua *Aimée*, em 1931; passando pelas questões da maternidade que não respondem ao que é uma mulher nos anos 1950; pela heroína trágica Antígona no final dessa mesma

década; até seu encontro com o arrebatamento realizado por Duras, num texto que deixa a causalidade da loucura como um enigma sem solução.

Lacan fica arrebatado por Lol V. Stein, o leitor também fica arrebatado e se encontra em falta com Lol, diante de uma presença/ausência, de um raptó, e, ao mesmo tempo, de um êxtase, de um deslumbramento, donde podemos pensar a origem de sua enunciação no *Seminário 20: Mais, Ainda*: “não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras” (Lacan, 1988, p. 99).

Em *A Vida Material* (1987), Marguerite, ao comentar sobre *O Arrebatamento de Lol V. Stein*, relata ser ele um livro à parte. Um livro único. Diz ela: “o que eu não disse é que todas as mulheres dos meus livros, seja que idade tiverem, decorrem de Lol V. Stein. Quer dizer, decorrem de um certo esquecimento delas mesmas” (Duras, 1987, pág.322).

O romance de Duras é narrado por Jacques Hold, o amante de Tatiana Karl, a amiga de infância de Lol. Os três formam o triângulo que restitui o trio do baile, cenário do enlouquecimento de Lol. Diz Duras, ainda em *A Vida Material*:

Lol está de tal forma encolerizada com o espetáculo de seu noivo com aquela desconhecida de preto, que se esquece de sofrer. Ela não sofre por ter sido traída, esquecida. É a supressão da dor que a enlouquece. Seu noivo vai em direção à outra mulher, e ela adere totalmente a essa escolha que é feita contra ela própria, ficar sem isso é o que a deixa louca (Duras, 1987, p.322).

A loucura de Lol é silenciosa. Ela se cala. A palavra lhe falta para dizer de seu ser raptado. Ela não pode dizer que sofre. É o indizível do sofrimento que a deixa louca. Ela grita.

Lacan afirma em “Televisão” (1974) que “A mulher não ex-siste” (Lacan, 2003, p. 536), um de seus aforismas mais instigantes, enunciando que não há uma identidade como uma referência universal da Mulher, entretanto elas existem, uma a uma, cada uma em sua singularidade. Ser a três é a solução de Lol à inexistência dessa identidade. Ao restituir o trio do baile numa nova configuração, onde, além dela encontram-se Jacques Hold e Tatiana Karl, Lol é instada a existir fora dela. O nó que se refaz é o

nó que permite Lol encontrar um ser a três onde ela teria seu lugar, onde não seria ejetada, onde ela seria nomeada pela Outra Mulher.

Jacques Hold, como descreve Lacan em sua *Homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein* (Lacan, 1965), não é apenas a voz do escrito, mas também aquele que transmite a angústia da trama, portanto carrega o impossível de dizer em sua narrativa. Mesmo sua tentativa de fazer Lol retornar aos lugares do trauma, não será suficiente para apagar os traços que permanecem. Há uma dor impossível de apreender. Esta segunda onda escrita com Lol é um tsumani, que devasta a terra nos catapultando para o deserto de palavras que é *Amor*. Embarcamos na terceira onda desta travessia marítima com a questão: Há luto possível na devastação?

Sete anos separam estes dois livros de Duras. Se *Amor* contém todos os livros da autora, o que nele está escrito relacionado ao *Arrebatamento de Lol V. Stein*? E, sendo Lol essa personagem da qual decorrem todas as mulheres de seus livros, como também Marguerite adverte, seria ela a mulher de *Amor* que agora faz um trio com dois homens? Seriam os dois Jacques Hold, e Michael Richardson?

Mais, ainda, em *A Vida Material*, Marguerite diz: “Escrever não é contar histórias. É o contrário de contar histórias. É contar tudo de uma vez. É contar uma história e a ausência dessa história. É contar uma história que se passa por sua ausência” (Duras, 1987, pág. 356). Destaco um trecho de *Amor*, um diálogo entre os dois “eles”:

_ Ainda se lembra um pouco...? o dia do grito... você se lembra?

_ Pouco. Muito pouco.

Ele mostra outra vez ao viajante o encadeamento contínuo:

_ Ela morou em todos os lugares, aqui ou além. Um hospital, um hotel, campos, jardins, estradas – ele para – um cassino municipal, você sabia? Agora ela está aqui.

Aponta a ilha (Duras, 2002, p. 51).

O grito de Lol representa a impossibilidade da palavra para dizer da sua dor. Em francês “*le cri*”, o grito, remete à homofonia de “*l’écrit, écrire*”, o escrito, escrever. Chegamos, assim, nesta terceira onda, a um terceiro

livro de Marguerite Duras, um de seus últimos, *Escrever* de 1993, realizado na mesma casa onde terminou de escrever *O Arrebatamento de Lol V. Stein*. Diz Duras: “Fiz livros incompreensíveis e eles foram lidos” (Duras, 2021, p. 46), “Escrever é também não falar. É se calar. É berrar sem fazer ruído” (Duras, 2021, pág 38). “De repente, tudo ganha um sentido em relação ao que se escreve, é de enlouquecer” (Duras, 2021, pág.35). Gritar é a expressão de uma dor para a qual inexiste palavra que se diga ou se escreva. Essa é a dor de Lola Valérie Stein, e também a dor de sua criadora, Marguerite Duras.

Sobre *Le Ravissement de Lol V. Stein*, sua devastação e a nossa, de todos nós, sentencia Duras:

Em *Lol V. Stein* não penso mais. Ninguém pode conhecê-la, nem você nem eu. E mesmo o que Lacan disse a respeito do livro eu nunca compreendi totalmente. Fiquei surpresa com Lacan. E estas frases suas: ‘Ela não deve saber que escreve aquilo que escreve. Porque ia se perder. E isso seria uma catástrofe.’ Essas frases se tornaram para mim uma espécie de identidade de princípio, de um ‘direito de falar’ totalmente ignorado pelas mulheres” (Duras, 2021, p. 30).

Um processo de análise é também uma travessia marítima pelas águas da linguagem, onde navegamos mares agitados, calmarias, tormentas, onde também escrevemos nossas ondas na areia da praia, que no ir e vir das marés se apagam e se escrevem novamente. Cartas extraviadas, sem letras, sem palavras, sem sentido, mas que, por vezes, chegam ao seu destino e podem salvar de um afogamento. Lituras, ravinamentos, litorais sem fronteira que, assim como Duras e sua escrita entredita e arrebatadora, transitam pelas letras, pelas imagens dos sonhos e do cinema, pela vida, assim como ela é.

Referências

CETON, Jean Pierre. *Entretiens avec Marguerite Duras*. Paris: François Bourin, 2012.

DURAS, Marguerite. *L'Amour*. In: *Oeuvres Complètes*. Tome II, Paris : Gallimard, 2011.

DURAS, Marguerite. *Le Ravissement de Lol V. Stein* (1964). In: *Oeuvres Complètes*. Tome II, Paris: Gallimard, 2011.

DURAS, Marguerite. *La Vie Matérielle* (1987). In: *Oeuvres Complètes*. Tome IV, Paris : Gallimard, 2011.

DURAS, Marguerite. *O Amor* (1971). Trad. Armando Silva Carvalho. Lisboa: Presença, 2002.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Trad. Luciene Guimarães. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

FREUD, Sigmund. *Feminilidade* (1932). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. v. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro XX – Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar [1972-1973] 1988.

LACAN, Jacques. Homenagem à Marguerite Duras pelo *Arrebatamento de Lol V. Stein*. In: *Outros Escritos* (1965). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

LACAN, Jacques. *Televisão*. In: *Outros Escritos* (1974). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

LEGUIL, Clotilde in MILLER, Jacques-Allain. *Ne Restons Pas Ravis Par Le Ravissement*. Paris: Michelle, 2020.

DURAS, Marguerite; PORTE, Michelle. *Boas falas: Conversas sem compromisso*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1974.

Recebido em: 10 de julho de 2024

Aceito em: 11 de setembro de 2024